

## CERCO DO PORTO – O TERRENO

Por alturas do cerco, a zona urbana da cidade do Porto era bem mais reduzida do que nos dias de hoje. Partindo da margem direita do Douro, de poente para nascente, poderíamos definir os limites da cidade seguindo o percurso seguinte: Calçada das Virtudes – Hospital de Santo António – Maternidade Júlio Dinis – Rua Aníbal Cunha – Ramada Alta – Lapa – Rua da Escola Normal – Bonfim – Prado do Repouso. Algumas das freguesias rurais – como Campanhã e Paranhos – estavam já ligadas ao Porto-cidade por estradas bordejadas por muitas habitações.

Para se compreender a forma como foi organizado o dispositivo de defesa do lado liberal, importa recordar que a área urbanizada do que era então a cidade do Porto se encontrava implantada sobre um terreno acidentado, cujas formas principais procuraremos descrever, de poente para nascente, no sentido dos ponteiros de um relógio:

**Morro da Vitória** (Jardim da Cordoaria - Praça de Carlos Alberto). Daqui, o terreno desce de forma irregular para poente, na direcção do mar, e sobe consideravelmente, embora não abruptamente, para Norte. Nesta direcção, forma um vasto **plano inclinado** no qual se situa a maioria da parte central da cidade. Esta encosta – que termina na crista topográfica por onde passa hoje a Rua da Constituição – podemos defini-la pelos trajectos das seguintes ruas ou avenidas:

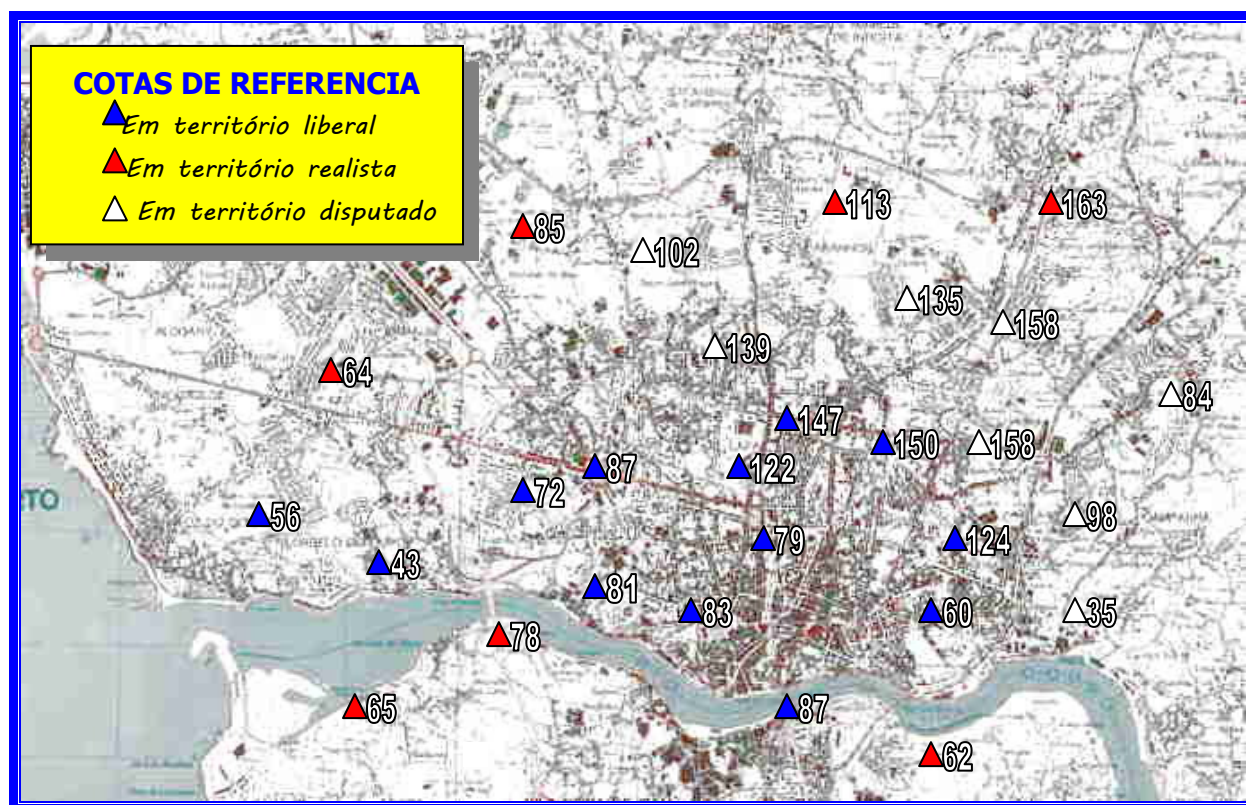
- Mártires da Liberdade – Lapa – Antero de Quental
- Fonseca Cardoso – Faria Guimarães
- Santa Catarina
- Alegria
- Fernão de Magalhães

A **Rua da Constituição** – na época já fora da zona urbana – corre, no seu trajecto entre a Praça Marquês de Pombal e o cruzamento com a Rua Serpa Pinto, sobre uma linha de alturas que compartimenta, claramente, o terreno em estudo. Prosseguindo para Norte, o terreno volta a descer para o vale onde hoje corre o troço Norte da Via de Cintura Interna (VCI). Quem, nos dias de hoje, sai do centro da cidade rumo ao Norte pela Rua de Faria Guimarães, ao iniciar a descida para entrar na VCI (Quinta do Covelo) tem a visão perfeita do terreno que, no sector Norte, representava a «terra de ninguém». O Hospital de S. João, bem visível desse posto de observação, encontrar-se-ia, na época do cerco, muito próximo das linhas realistas. Ocupar a crista militar imediatamente a Norte da actual Rua da Constituição conferia, assim, um domínio de vistas e fogos que se traduzia numa clara vantagem face a um ataque vindo dos lados do Amial ou de Paranhos. Consequentemente, nas imediações dessa crista estavam implantados alguns dos mais importantes redutos liberais: forte do Monte Pedral (na encosta que é hoje atravessada pela Rua de Serpa Pinto); forte de S. Brás (próximo do antigo quartel da Casa de Reclusão Militar) e Bateria da Aguardente (nas imediações da actual Praça do Marquês de Pombal).

A **Avenida Fernão de Magalhães** – situada, na época, em terreno pouco urbanizado, tal como as actuais ruas do Bonfim e do Heroísmo – como que baliza o limite nascente do plano inclinado atrás referido. De facto, o terreno a leste desta importante via constitui, genericamente, um declive que desce, acentuadamente, para as bandas de S. Roque e Campanhã, terminando no vale do Rio Tinto. Em contrapartida, o eixo da avenida prossegue, para Norte, em sucessivo aumento de cota até ao outeiro, já parcialmente arrasado, onde

hoje se cruza com a VCI (antiga Praça D. Manuel I). Daí até à Estrada de Circunvalação, o terreno é relativamente plano.

Fechando o circuito definidor do relevo da cidade do Porto está o **Morro da Sé**, fronteiro à Serra do Pilar e de cota semelhante à do Morro da Vitória. A separar estas duas elevações existe um acentuado vale por onde se escoam as águas pluviais sob a forma do chamado Ribeiro da Vila. Este pequeno curso de água corre, nos dias de hoje, por baixo do piso citadino, sensivelmente ao longo das ruas Mouzinho da Silveira e S. João, indo desaguar no Douro junto à Praça da Ribeira.



Na margem Sul do rio Douro ergue-se **Vila Nova de Gaia**. Na época do cerco a vila era pouco mais do que o casario que ladeava a Calçada de Vila Nova (*grosso modo* paralela e próxima da actual Avenida da República) até às alturas de Santo Ovídio. O morro da Serra do Pilar, de cota 87 m (ligeiramente superior às dos morros da Sé e da Vitória), dominava claramente a faixa de terreno junto ao rio. Seguindo para Sul, no entanto, o terreno sobe sempre até ao alto de Santo Ovídio (cerca de 600 metros a Sudeste da actual rotunda com o mesmo nome). Esta elevação, cuja cota atinge os 213 metros, de pouco interesse militar dispunha relativamente à Serra do Pilar dado que já distava dela 2.900 metros em linha recta, distância excessiva para o emprego da artilharia daquele tempo. A zona ribeirinha de Gaia, a Este e Oeste da Serra do Pilar, equivalia-se, em cotas, às da margem direita, embora com a desvantagem da presença de uma força inimiga no reduto da Serra.

O **rio Douro**, ao atravessar o conjunto Porto-Vila Nova de Gaia, é parte importante do «terreno» que interessa ao estudo do Cerco do Porto. Sendo um obstáculo de transposição problemática, o Douro foi sempre atravessado pelas tropas dos dois partidos ao longo de todo o cerco. Os realistas faziam-no, a coberto dos fogos liberais, a oriente da curva do Freixo-Areíño. Os liberais, por seu turno, tinham mais dificuldades em cruzar o rio durante o dia. Faziam-no, por isso, preferencialmente a coberto da escuridão, quase sempre em frente à

Serra do Pilar, no Senhor de Além. Entre Porto e Gaia, a largura do rio varia entre os 125 metros (próximo da ponte D. Maria Pia) e os 300 metros (em frente à Alfândega). Só na zona da Foz a largura do Douro se aproxima dos 1.000 metros. A proximidade das duas margens, no entanto, favoreceria o emprego da artilharia no sentido Gaia-Porto e vice-versa.

David Martelo – 2000



Leitura complementar